

Referências Bibliográficas

ALAMÉDA, A. – O Eu-vocal. In: SOULÉ, M. & CYRULNIK, B. – **A inteligência anterior à palavra: novos enfoques sobre o bebê.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999 (1998)

ALEIXO, M. - Memória Musical entre Tons e Semitons: Musicoterapia para Pacientes com Alzheimer. **Cadernos IPUB.** VII (20) : 198-212, 2001a

_____. - A Memória Musical nas Demência. **Jornal Brasileiro de Neuropsiquiatria Geriátrica.** 2 (1) : 20-26, 2001b

_____. - Musicoterapia nos transtornos mentais na velhice. **Jornal Brasileiro de Neuropsiquiatria Geriátrica.** 2 (1) : 15-18, 2001c

ALEIXO, MAR; LAKS, J. & ENGELHARDT, E. – Apresentação de um instrumento de rastreamento musical: o mini-teste musical (MTM), **Livro de Resumos XX Congresso Brasileiro de Psiquiatria,** Florianópolis – SC, p. 327 outubro/2002

ALTENMÜLLER, E.O. - How many music centers are in the brain? **Annals New York Academy of Sciences,** 930: 273-280, 2001

ALTSHULER, I. – Four years experience with music as therapeutic agent at Eloise Hospital. **The American Psychiatric Association.** Michigan, Detroit, 1943

ALVIN, J. - **Musicoterapia.** Buenos Aires: Paidós, 1967.

ANZIEU, D. – O envelope sonoro. In: ANZIEU, D. - **O Eu-pele.** São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 199-218, 1989 (1985)

ATKINSON, R.C.; SHIFFRIN, R.M. – **Human memory: a proposed of learning and motivation.** Vol. 2. Academic Press, New York, 1968.

AULAGNIER, P. – **A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado.** Rio de Janeiro: Imago, 1979.

BARCELLOS, L.R.M. – **Cadernos de Musicoterapia,** nº 1. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.

BARROS, M.M.L. de - Memória de Velhos e Família. in: **Cadernos do IPUB,** nº 10: 25-32, 1997

BEATTY, W.W.; WINN, P; ADAMS, R.L. et al. - Preserved cognitive skills in dementia of the Alzheimer type. **Archives of Neurology,** 10: 158-164, 1994

BEATTY, W.W.; BRUMBACK, R.A. & VONSATELL, J. P. - "Autopsy-proven Alzheimer disease in a patient with dementia who retained musical skill in life." **Arch Neurol**, 54: 1448, 1997

BENENZON, R.O. – **Manual de Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.

BENENZON, R.O. - **Teoria da Musicoterapia**: contribuição ao conhecimento do contexto não verbal. São Paulo: Summus Editorial, 1988

BERG, L. – Clinical Dementia Rating. **Psychopharmacology Bulletin**, 24(4): 637-40, 1988

BERTOLUCCI, P.H.F. – Avaliação da Memória. In: FORLENZA, O.V. & CAMELLI, P. (org) - **Neuropsiquiatria Geriátrica**. São Paulo: Atheneu, pp. 507-516, 2000

BEZERRA JUNIOR, B. – Considerações sobre terapêuticas ambulatoriais em saúde mental. In: TUNDIS, S.A (org) **Cidadania e Loucura** – políticas de saúde mental no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, pp. 133-169, 1987

BOBBIO, N. – **O tempo da memória**: de senectude e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Campus, 1997 (1996)

BORCHGREVINK, H.M. - O Cérebro por Trás do Potencial Terapêutico da Música. in: RUUD, E. (org.). **Música e Saúde**. São Paulo: Summus, pp. 57-86, 1991

BOTTINO, C.M.C.; CARVALHO, I.A.M.; ALVAREZ, A.M.M.A. et al. – Reabilitação cognitiva em pacientes com doença de Alzheimer. Relato de Trabalho em equipe multidisciplinar. **Arq Neuropsiquiatr**: 60(1):70-79, 2002

BOXBERGER, R. & COTTER, V.W. – El Paciente Geriatrico. in: GASTON, T. - **Tratado de Musicoterapia**. Buenos Aires: 6ª parte, Paidós, pp. 285-294, 1968

BOSI, E. - **Memória e Sociedade**. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994 (1973; 1987)

_____ - **O tempo vivo da memória**: ensaios sobre psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003

BRUCK, L. – Today's Ancillaries, part 2: art, music and pet therapy. **Nursing Homes**, Cleveland, jul/aug, 45(7) : 36-45, 1996

BRUSCIA, K. B. – **Case studies in music therapy**. Phoenixville: Barcelona Publishers, USA, 1991

CAMPOS, F.S. de – **Psicanálise e Neurociência**: dos monólogos cruzados ao diálogo possível. Tese de doutorado. PUC-Rio, 2001

- CERTEAU, M. – **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CERVELLIN, N.G.H. – **A criança deficiente auditiva e suas reações à música**. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 1983.
- CID-10 – Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10**: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas – Organização Mundial da Saúde, trad. Dorgival Caetano, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993
- CHIU, E. – Demência, depressão e qualidade de vida. In: FORLENZA, O.V. & CARAMELLI, P. (org) - **Neuropsiquiatria Geriátrica**. São Paulo: Atheneu:39-43, 2000
- CONDE, C. - **Significado e Funções da Música do Povo na Educação**. Projeto de Pesquisa, INEP/MEC, novembro, 1978
- CORREA, A.C. de O – **Envelhecimento, Depressão e Doença de Alzheimer**. Belo Horizonte: Health, 1996
- COSTA, C.M - **O Despertar para o outro** - Musicoterapia. São Paulo: Summus Editorial, 1989
- CRYSTAL, L.H; GROBER, E & MASUR, D - Preservation of musical memory in Alzheimer's disease. **Journal of Neurology, Neurosurging e Psychiatric**, 52: 1415-1416, 1989
- DAMASIO, A – **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 (1994)
- _____ - **O mistério da consciência**: do corpo, das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 [1999]
- DA MOTTA, A.B. - Chegando pra Idade. in: BARROS, M.M.L. (org): **Velhice ou Terceira Idade?**, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, pp. 223-235, 1998
- DOURADO, M.C.N. – **Há menos de mim hoje do que havia ontem**: demência e subjetividade. Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, 2000
- DOWLING, J. R. - Music. in: DOWLING, J. R. - **Keeping Busy, a Handbook of Activities for Persons with Dementia**. The John Hopkins University Press. Baltimore, pp. 103-120, 1995
- DSM-IV** – Critérios Diagnósticos do DSM-IV: referência rápida, 4ª edição, Porto Alegre, Artes Médicas, pp. 81-82, 1995
- ELIAS, N. – **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 (1984)

ENGELHARDT, E.; ROZENTHAL, M. & LAKS, J. - Comprometimento Sensorial - Manifestações Neuropsicológicas - disfunções cognitivas. Rio de Janeiro, **Rev Bras Neurol** 31(5) : 219-224, 1995

ENGELHARDT, E. et al. – Demência pré-senil: uma entidade negligenciada. **Jornal Brasileiro de Neuropsiquiatria Geriátrica**. 2(1): 27-31, 2001

FOLSTEIN, MF; FOLSTEIN SE, MCHUGH PR – Mini-Mental State Examination. A practical method for grading state of patients for the clinician **J Psychiatr Res**, 12:189-198, 1975

FOUCAULT, M. – **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: 3ª edição, Forense-Universitária, 1987 (1977; 1980)

_____ - **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro: 3ª edição, Tempo Brasileiro, 1988

FREGTMAN, C.D. - **Corpo, Música e Terapia**. São Paulo: Editora Cultrix, 1982

FREUD, S. – **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, Rio de Janeiro: 2ª edição, Imago, 1987.

O mecanismo psíquico do esquecimento (1898)

Lembranças encobridoras (1899)

Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise) (1914)

Além do princípio do prazer (1920)

FRITH, S. - Music and Identity. in: ST HALL & P. GAY (eds) - **Questions of Cultural Identity**. London: SAGE, pp. 108-127, 1998 (1996)

GERDNER, L.A. - Effects of Individualized Versus Classical “Relaxation” Music on the Frequency of Agitation in Elderly Persons with Alzheimer’s Disease and Related Disorders. in: **International Psychiatrics**, vol. 12, nº 1: 49-65, 2000

GIBBONS, A.C. - Popular Music Preferences of Elderly Persons. **Journal of Music Therapy**, XIV (4): 180-189, 1977

GIL, A.C. – **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, Editora Atlas, 1999

GODINHO, M.; VIANNA, M.T. & LANDRINO, N. - **Musicoterapia na Terceira Idade**. Monografia. (graduação) Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro. 1988

GROTJAHM, M.- **A Arte e a técnica da terapia analítica de grupo**. Rio de Janeiro: Imago, 1983 (1977)

HALBWACKS, M. - **A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vertice, 1990

HELLER, A - **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995

IZQUIERDO, I. - **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002

JOURDAIN, R. - **Música, Cérebro e Êxtase**: como a música captura nossa imaginação. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997

KLEIN, M – Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê. In: KLEIN, M. et al. - **Os Progressos da Psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, pp 216-255, 1969 (1952)

_____ - Sobre a observação do comportamento dos bebês. In: Klein, M. et al. - **Os Progressos da Psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, pp 256-289, 1969 (1952)

LAKS, J. - **Sintomas Psiquiátricos na Demência de Alzheimer - correlação com a gravidade do estado cognitivo**. Tese de doutorado. IPUFRJ, 1993

LAMBEK, M. & ANTZE, P. - Introduction - Forecasting Memory. in: LAMBEK, M. & ANTZE, P. - **Tense Past - Cultural Essay in Trauma and Memory**. New York/ London, Routledg, pp. XI-XXXVIII, 1996

LAWTON, MP; BRODY, EM – Assessment of older people: Self-maintaining and instrumental activities of daily living. **The Gerontologist**, 9: 179-186, 1969

LEIBING, A. - A Antropologia de uma Doença Orgânica: Doença de Alzheimer e Fatores Culturais. **Cadernos do IPUB**, nº 10, 3ª edição, pp. 57-73 2001

_____ - O homem sozinho numa estação – a doença de Alzheimer e as práticas do esquecimento no Brasil. in: LEIBING, A. & BENNINGHOFF-LÜHL, S.(org) - **Devorando o tempo**: Brasil, o país sem memória. São Paulo: Mandarin, pp. 77-89, 2001

LIMA, J F – Considerações Psicanalíticas sobre os Acalantos Brasileiros. In: **Boletim Científico da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro**, ano 2, nº 1, 35-41, 1986

LOPEZ, A.L.L. - **A Musicoterapia e o Envelhecer**: Uma Experiência Clínica na Casa São Luiz para a Velhice. Monografia (graduação). Conservatório Brasileiro de Música. Rio de Janeiro. 1994

LÜNHING, A. - Memória Musical no Candomblé. in: LEIBING, A. & BENNINGHOFF-LÜHL, S. (org) - **Devorando o tempo**: Brasil, o país sem memória. São Paulo: Mandarin, pp. 105-127, 2001

MELLO, M.A. F. de & ABREU, V.P.S.- Terapia Ocupacional em Demência. In: FORLENZA, O.V. & CARAMELLI, P. (org) - **Neuropsiquiatria Geriátrica**. São Paulo, Atheneu, pp. 587-600, 2000

MILLER, B. L.; BOONE, K.; CUMMINGS, J.L. et al. - Functional correlates of musical and visual ability in Frontotemporal Dementia. **British Journal of Psychiatric.**, 176: 458-463, 2000

MUSZKAT, M.; CORREIA, C.M.F. & CAMPOS, S.M. - Música e Neurociências. **Rev. Neurociências.** 8 (2): 70-75, 2000

NICK, E. & ALEIXO, M.A.R. - **Musicoterapia em Hospital Dia:** reflexões sobre uma proposta em Saúde Mental. Monografia (graduação). Conservatório Brasileiro de Música. Rio de Janeiro, 1991

NIGRI, F.; ALEIXO M.A.R.; MAFFIOLETTI, V. – **Intervenções em equipe multidisciplinar na demência:** a clínica do cotidiano. mimeografado. Rio de Janeiro, agosto/ 2003

NITRINI, R. – Epidemiologia da Doença de Alzheimer. In: FORLENZA, O.V. & CARAMELLI, P. (org) - **Neuropsiquiatria Geriátrica.** São Paulo: Atheneu, pp. 23-33, 2000

NOVAES, M.H. – Modelos Interpretativos da Criatividade e Alternativas de Atuação Psicossocioeducativa. In: NOVAES, M.H. - **Psicologia Escolar e Educacional,** Campinas-SP: Ed. Alínea, pp. 75-85, 2001

OSÓRIO, L.C. (org.) – **Grupoterapia Hoje.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.

PAOLILLO, C. A. **Personalidade, Caráter e Função Auditiva** - da audiopsicofonologia à audiodinâmica”. Mimeografado. Tradução do original em italiano, [1989?]

PARENTE JUNIOR, P.A.S - **Musicoterapia e Envelhecimento Populacional** - Uma Proposta de Inserção na Área de Saúde e Uma Realidade Brasileira. Monografia (graduação). Conservatório Brasileiro de Música. Rio de Janeiro, 1992

PFEFFER, RI; KUROSAKI, TT; HARRAH, CH et al. – Measurement of functional activities in older adults in the community. **Journal of Gerontology,** 37: 323-9, 1992

PLATEL, H; PRICE, C; BARON, JC, et al. - The structural components of music perception. A funtional anatomical study. **Brain,** 120: 229-43, 1997

PUJOL, R.; LAVIGNE-REBILLARD, M.; UZIEL, A. – Development of the human cochlea. **Acta Otolaryngologica,** 482: 7-12, 1991.

RAMALHETE, L.C.Q. - **Musicoterapia - uma experiência clínica com pacientes portadores da doença de Alzheimer.** Monografia (graduação). Conservatório Brasileiro de Música. Rio de Janeiro, 1994

RIZZO, T. – Habituation technique in study of development of fetal behaviour. **The Lancet,** vol 357, February, 3:328-329, 2001

- ROJAS BERMUDEZ, R. – **Titeres y psicodrama**. Buenos Aires: Genitor, 1970
- ROSENFELD, I. – **A invenção da memória: uma nova visão do cérebro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994 (1988)
- ROZENTHAL, M.; ENGELHARDT, E.; LAKS, J - Memória: aspectos funcionais. Rio de Janeiro: **Rev Bras Neurol** 31(3) :157-160, 1995
- SCHUPPERT, M.; MÜNTE, T.F.; WIERINGA, B.M. et al. - “Receptive amusia: evidence for cross-hemispheric neural networks underlying music processing strategies.” **Brain**, 123: 546-559, 2000
- SERGENT, J. - Music, the brain and Ravel. **TINS**, 16 (5): 168-172, 1993.
- STEFANI, G. - **Para Entender a Música**. Rio de Janeiro: Globo. 1987 (1985)
- SYDENSTRICKER, T – Musicoterapia: uma alternativa para psicóticos. **Jornal Bras Psiq**, Rio de Janeiro: 40(10), nov/dez, 1991
- TANIS, B. – **Memória e Temporalidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995
- TOOMBS, M.R. - La Musica como Medio de Revitalizacion - Actividades Musicales para Pacientes Geriatricos. In: GASTON, T. - **Tratado de Musicoterapia**. 6ª parte, Buenos Aires: Paidós, pp 295-299, 1968
- TOSELAND, R.W. et al. – The Impact of validation group therapy on nursing home residents with dementia. **Journal of Applied Gerontology**. Thousand Oaks, 16(1), mar, 1997.
- WINKELMAYER, R. & BROWNER, H.E. - Programa Estructurado de Musicoterapia para Pacientes Geriátricos. In: GASTON, T. - **Tratado de Musicoterapia**. 6ª parte, Buenos Aires: Paidós, pp. 299-304, 1968
- WINNICOTT, D. W. – **O Ambiente e os processos de Maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983 (1979)
- _____ – **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975 (1971)
- WISNIK, J. M. – **O som e o sentido: uma outra história das músicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

Letras de Músicas

Carnaval, confete, serpentina. Rio de Janeiro: COOPIM, 1984

Conservatória. Rio de Janeiro: J. Di Giorgio & CIA, 1994

200 músicas inesquecíveis – vol. II. Rio de Janeiro: COOPIM, 1988

HOLLANDA, Chico Buarque de – **Letra e Música**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 (1989)

[http:// www.amaliarodrigues.lisbon52.com/fados/letras](http://www.amaliarodrigues.lisbon52.com/fados/letras)

<http://italianoar.com/letras/>

[http:// www.legiao.org/](http://www.legiao.org/)

[http:// www.revivendomusicas.com.br/produto](http://www.revivendomusicas.com.br/produto)

<http://www2.uol.com.br/guilhermearantes>

<http://casanov.vilabol.uol.com.br/songs.html>

Recordações... Saudade. Rio de Janeiro, Editora? s/d

Roberto Carlos – suas canções. Local? Saber, 1994

Saudade Seresteira – Músicas brasileiras e internacionais cifradas para violão, com letras. Belo Horizonte, MG: BEMGE, 1986

SEVERIANO, J & MELLO, Z.H. de – **A canção no tempo**: 85 anos de músicas brasileiras (vol. I: 1901-1957 e vol. II: 1958-1985). São Paulo: Editora 34, 1998

APÊNDICE

Caso Clínico 1:

“E o destino desfolhou”

Clara é uma mulher branca de 76 anos, como moradora da zona sul, freqüentava praias de sua cidade natal e costumava passar as férias numa cidade serrana, pertencendo a uma família abastada. Estudou até o segundo grau. Casou-se e após a separação do marido, de quem é viúva há mais de 30 anos, passou a trabalhar como secretária numa repartição pública tendo em vista a necessidade de cuidar dos dois filhos gêmeos, ainda pequenos. Atualmente, um de seus filhos mora na cidade do Rio de Janeiro e outro no exterior.

Os primeiros sintomas da doença apareceram em 1998, quando ainda morava sozinha: passou a apresentar crises de esquecimento e a não tomar os remédios adequadamente. Queixava-se de depressão, taquicardia, “medos” e, assim, uma pessoa conhecida da família foi contratada para cuidar dela. O filho ao procurar um serviço especializado, foi encaminhado ao CDA e, Clara recebeu o diagnóstico de demência compatível com o quadro de Alzheimer. Em novembro de 1999, obteve as seguintes pontuações nos testes e escalas aplicados: MEEM¹³ (Folstein et al, 1975): 26/30 pontos; escala de Atividades Funcionais (Pfeffer, 1992): 19/30 pontos (mais grave = 30); escala de Atividades de Vida Diária (Lawton e Brody, 1969): 35/90 (mais grave = 90); estadiamento das demências (Berg, 1988): CDR1¹⁴ (demência leve). Desde então passou a ser atendida pela equipe multidisciplinar do CDA.

Em sua entrevista inicial, foi possível observar que se tratava de uma mulher com postura e traços refinados que, apesar da doença, ainda se mantinham preservados. Relata que aprendeu quando menina as noções básicas de música nas aulas de piano com uma professora particular e que aprecia todos os gêneros musicais. Comenta, ainda, que a música sempre esteve presente em sua vida, nas reuniões em sua casa ou na das amigas em que o canto de músicas da época

¹³ MEEM: Mini-Exame do Estado Mental

¹⁴ CDR: Clinical Dementia Rating

acompanhavam as melodias reproduzidas no piano. Um dia a família se mudou, e Clara não sabia dizer ao certo que destino teve esse instrumento.

Quando iniciou a musicoterapia, em janeiro de 2000, foi incluída num grupo compatível com o estágio da sua doença. Apresentava grande desenvoltura para o canto, iniciando espontaneamente e, com facilidade, várias músicas, em sua maioria em ritmo de valsa, de tonalidade menor, com letras de conteúdos significativos. Em casa chegava a apreciar músicas francesas. Apesar de suas músicas retratarem uma memória individual por fazerem parte de sua história sonoro-musical, foi possível observar que os demais integrantes do grupo conheciam essas músicas a partir do momento em que começaram a cantá-las também. Configurou-se certa mudança na identidade sonora do grupo que privilegiava anteriormente marchinhas de carnaval.

“*Última Inspiração*” foi a primeira música trazida, já no primeiro atendimento, seguida de “Arrependimento” gravada por Albenzo Perroni, cantor preferido de Clara. Além dessas, outras como “*A casinha da colina*” que, ao cantar pela primeira vez, percebe que falta uma frase na cópia da letra dessa música, como também “*E o destino desfolhou*”. Quatro meses após a primeira testagem, novos testes foram realizados. Agora com a seguinte pontuação: MEEM: 25/30 pontos; escala de Atividades Funcionais: 23/30 pontos; escala de Atividades de Vida Diária: 47/90 pontos e o estadiamento das demências: CDR2 (demência moderada).

Durante o ano de 2000, conforme ia cantando, tecia comentários sobre as lembranças em relação a cada música, como podemos ver nestes exemplos:

. “*Última Inspiração*”: “ eu gosto desta valsa, eu acho muito bonito isso, tanto a letra quanto a música. Eu gosto desta música, não sei se foi um tempo bom que eu passei quando eu era pequena, eu escutava música no rádio... não sei se foi isso aí, eu aprendi a cantar a letra, foi cantando, não foi nem lendo, nem escutando, aí eu decorei ela toda”

. “*Arrependimento*”: “essa música meu pai cantava quando eu era pequena, pra dormir, tô me lembrando, eu deitada na cama, a minha irmã na outra cama e ele no meio com as mãos entre as grades da cama cantando pra gente dormir”.

Em “*A casinha da colina*” também faz referências ao pai, mostrando como a figura do pai parece ter sido importante em sua vida. Com relação à mãe, comenta que a música que ela mais gostava era “*Noite cheia de estrelas*”.

A música que refere como sendo sua predileta é “*E o destino desfolhou*”:
“essa música eu cantei devia ter uns doze anos, foi na casa de uma amiga, nós nos reuníamos, eu, minha irmã e amigas, e cada uma cantava uma música e tocava no piano, o piano que eu tinha em casa não sei, nos mudamos para uma casa menor e ele não cabia na sala.”

Durante esse período, conforme cantava a música, trazia outras lembranças, como o nome de quem tocava o piano e da forma como sua prima cantava a primeira frase desta música: “o nosso amor tá nuzinho”. Em relação a música “*Lábios que eu beijei*” comenta ser esta a preferida de sua irmã. “*A você*”, “*Suave poema de amor*” e “*Casa de caboclo*” (esta completada com o auxílio da leitura da letra pela musicoterapeuta) foram outras músicas cantadas por iniciativa da própria paciente. Nesta última música, ao perguntar-lhe “o que é casa para você”, respondeu “aqui é como a minha casa, eu me sinto à vontade”.

Sempre apresentou uma boa relação com os demais integrantes do grupo. Mas, em agosto de 2001, após começar a apresentar momentos de maior dispersão e alteração de comportamento, um trabalho individual paralelo ao grupo foi iniciado. O resultado do MEEM foi de 15/30 pontos, nesse período. Neste novo trabalho foi possível utilizar o teclado de forma mais diretiva e observar quais elementos da música ainda se mantinham preservados, principalmente no tocante à leitura e reprodução de pequenas melodias. Fazendo uso das duas mãos tocou um trecho de “o bife” e uma outra melodia que dizia não saber qual música era, chegando a comentar que era uma criação sua. (Aqui, cabe ressaltar que a musicoterapeuta também não conhecia e/ou não reconheceu essa melodia como também o grupo não a identificou). Participava de sessão grupal, uma vez na semana, com duração de 60 minutos e atendimento individual de 30 a 40 minutos (dependendo de como a paciente se encontrava), uma vez na semana. A cuidadora foi orientada na manutenção de um trabalho de canto e audição de músicas na residência da paciente. Com o avanço do quadro clínico, sua participação foi se modificando e, em relação à música, chegou a ter dificuldade em reproduzir suas melodias principais, percebendo onde estava o erro, tentando corrigi-lo.

Certo dia, a enfermagem relatou que Clara havia chegado agitada, porém durante o atendimento apresentou-se tranqüila, referindo gostar da sala em que estava, chegando até mesmo a tocar o teclado. Entretanto, cabe ressaltar que nem sempre é possível contornar esse quadro de agitação com a música como ocorreu

outras vezes, sendo necessário auxílio da outra musicoterapeuta e/ou outro profissional para ficar nas dependências do CDA com Clara que dizia: “minha mãe está lá fora, eu preciso me encontrar com ela, ela pode estar perdida”. Talvez se possa depreender dessa observação singular que, ao falar da mãe que está perdida, Clara parecia referir-se a si mesma, a seu estado atual.

Segundo sua cuidadora, houve dias em que Clara chegou a comentar que estava vindo pela última vez, de modo que em uma dessas vezes opôs resistência a entrar na sala; mas, uma vez dentro dela, ficou calada até o final do atendimento. Em um de seus atendimentos individuais, ao explorar os sons dos instrumentos de percussão, comentou que estes fazem lembrar o carnaval. Ao ser solicitada por mim para tentar entoar uma música de carnaval, cantou a primeira parte de “*Mamãe eu quero*” dizendo que esta música lembrava uma mãe carregando o bebê e em seguida cantou uma música nova, também com características de marchinha de carnaval, cuja letra é a seguinte:

“você me pareceu sincera/
mas não era/ mas não era/
jurou ser a melhor quimera/
mas não era, mas não era/
você veio a chorar/
meu amor implorar/
me dizendo que nunca/
este mundo lhe dera /
um instante feliz.../
eu guardei desde então/
todo o meu coração/
você foi o meu mal/
sempre teve afinal/
tudo aquilo que quis”¹⁵

Ao término da sessão, disse que essa música lhe fazia lembrar o período em que morou com a família – o pai, a mãe e a irmã – na Ilha do Governador. Fala também dos bailes de carnaval e de como eles aconteciam: “...os rapazes ficavam

¹⁵ essa música não foi encontrada no material consultado. Foi aqui reproduzida na forma em que foi cantada pela paciente. Também não foi possível citar o seu título, estilo e sua tonalidade original.

de um lado e as moças do outro...” e das formas de comunicação entre eles - olhares e acenos de mãos.

Durante o ano de 2002, foi desligada do grupo a que pertencia devido ao agravamento de seu quadro clínico. O atendimento individual foi mantido no mesmo formato descrito acima. A melodia, o ritmo mantiveram-se mais preservados que a reprodução da letra e da reprodução instrumental. A leitura de notas musicais introduzida quando do atendimento individual foi sendo perdida com o curso da doença. Mesmo com a dificuldade em se localizar no teclado para a reprodução do que ainda se lembrava, percebia o erro tentando corrigi-lo mas, se acompanhada do cantarolar da melodia conseguia localizar-se. Apesar do empobrecimento verbal, Clara tentava expressar verbalmente alguma coisa que estivesse relacionada à atividade e a sua história pessoal. Para ela, o espaço da musicoterapia era um lugar bom, onde aprendia músicas. Em fevereiro de 2003 o atendimento foi encerrado após a cuidadora comunicar que Clara já não conseguia mais sair de casa.

Caso Clínico 2:

“2001 – Uma odisséia no espaço”

Augusto é um homem branco de 46 anos, nascido na cidade do Rio de Janeiro e que, atualmente, se encontra desempregado como engenheiro eletrônico. Em novembro de 2001, obteve as seguintes pontuações nos testes e escalas aplicados: MEEM (Folstein et al, 1975): 17/30 pontos; escala de Atividades Funcionais (Pfeffer, 1992): 23/30 pontos (mais grave = 30); escala de Atividades de Vida Diária (Lawton e Brody, 1969): 48/90 pontos (mais grave = 90); estadiamento das demências (Berg, 1988): CDR2 (demência moderada). Em fevereiro de 2002, durante a entrevista musicoterápica, declara saber que está com a doença de Alzheimer. Entretanto, parece desconsiderar tal fato quando diz: “me disseram que eu estou com Alzheimer, mas não estou na cama como dizem”.

Não aprendeu e nunca tocou um instrumento musical. O pai e a mãe tiveram pequeno aprendizado musical e o irmão tentou tocar bateria na adolescência. Sempre cultivou o hábito de ouvir músicas enquanto trabalhava com eletrônica. Sua preferência musical é por músicas populares brasileiras e americanas. Mas, a preferida, segundo Augusto, é “aquela do filme ‘2001 - Uma Odisséia no Espaço’: ‘Danúbio Azul’ ”.

Desde março de 2002, passou a ser atendido individualmente na musicoterapia, uma vez por semana, com duração de 30 a 40 minutos. É atendido também em psicoterapia individual e participa em grupo de algumas oficinas oferecidas pelo Centro-Dia do CDA.

Na musicoterapia, seus primeiros atendimentos foram basicamente verbais, geralmente falando de seu desemprego e de estar dependente dos pais. Frente ao instrumental musicoterápico, comentou sentir-se como “o macaco diante do computador”, e a cada instrumento musical que eu lhe oferecia para perceber a sonoridade, atribuía aos mesmos as características físicas do som. A partir de seus comentários na experimentação sonora dos instrumentos musicais, considerei interessante a proposta de construir sons a partir do que era apresentado pelo paciente. Assim, com o trabalho inicial de pesquisa sonora nos diferentes instrumentos através daquela linguagem, foi sendo possível observar que a discriminação auditiva para os elementos do som mantinha-se preservada. O

paciente elegeu uma cor, desenhando a amplitude e a frequência para cada instrumento experimentado.

O primeiro instrumento que pegou foi o afoxê de contas coloridas, e sacudindo-o com movimentos giratórios de uma das mãos vai falando “é bonitinho, me chamou mais atenção... lembra um chiado...tem uma frequência e uma amplitude alta...deve ter uns 2000/3000 hertz”. A cada instrumento que experimentava, construía um referencial e apenas para exemplificar cito alguns: o reco-reco: “é de alta e baixa frequência, lembra alta e baixa frequência”; ao chocalho atribuiu sons de alta frequência e quando perguntei o que lhe lembrava, respondeu: “Nada”. Quando pegou o triângulo, disse: “é simples, dá sons mais agudos...frequência única...amplitude máxima que vai reduzindo ao passar dos segundos... me lembra a hora do almoço...o mestre do baião usava isso.” Para o metalofone: “tem frequência bem definida...senóide atenuada, batida...amplitude grande e vai minguando o som”.

Apesar de apresentar dificuldade em reproduzir as letras de música, foi capaz de reconhecer a melodia das mesmas. Quando músicas de sua geração lhe são apresentadas, como algumas canções de Chico Buarque, Guilherme Arantes, Augusto tece sempre comentários significativos. Para “*Construção*” de Chico Buarque comenta “Acho que obscuramente fala de uma realidade”. Nada melhor para ele do que reviver os tempos da discoteca. Certo dia comenta: “A música liga você a uma época” e, ao ouvir Carpenters, ressalta a tristeza que foi a morte de um dos integrantes da dupla de irmãos “ela estava doente...o que a depressão pode fazer” parecendo não se dar conta de que está doente e o que essa sua doença pode fazer, também. Em retorno de suas férias (duas semanas aproximadamente), recordo com Augusto a trajetória realizada com os instrumentos musicais, ao que me diz “você é uma boa aluna, aprendeu bem a parte da eletrônica”.

Sempre é estimulado a dizer o que gostaria de fazer durante o atendimento, visando assim estimular seu grau de sua iniciativa e autonomia. Certo dia, trago um cd com músicas de Guilherme Arantes, do qual ouve atentamente as músicas “*Planeta Água*”, “*Amanhã*” e “*Meu Mundo e Nada Mais*” para em seguida atender a minha proposta de criar uma música, sua música a partir de algumas palavras que estavam naquelas músicas. Dentro da seqüência sorteada das palavras, Augusto constrói a seguinte composição: “que o amanhã seja bom/ que o nosso planeta possa ser melhor/ vamos esquecer o passado/ meu mundo seria melhor/ a

esperança de dias melhores/ que nada mais perturbe a nossa vida/ possamos lavar com água/ termos trabalho para todos” parecendo revelar toda a esperança por um momento melhor. Em relação ao espaço de atendimento, observa que este é “o canto da paz”, e que a música “pode ser boa para o cérebro”. Quanto ao seu percurso na musicoterapia chegou a comentar que o seu olhar em relação aos instrumentos já não é mais o da eletrônica: “Hoje vejo os sons diferentes, antes eu só via os sons eletrônicos”. O pai de Augusto, que está estudando teclado, tem sido orientado para realizar tarefas musicais com o filho em casa e as respostas até o momento têm sido positivas, segundo o relato dos pais. “A música é a ponte no tempo”, frase que traz para o *setting* musicoterápico, delimitando toda uma trajetória de conquistas que, mesmo não sendo lembradas, estão marcadas em um registro musical qualquer do trabalho. É como diz a música “*Construção*” de Chico Buarque em seu primeiro verso: “amou daquela vez como se fosse a última...” e, todo o trabalho terapêutico tem sido assim, pois não se pode descrever o dia de amanhã. Atualmente, Augusto tem mostrado interesse com o teclado. Iniciei um trabalho de tocar o teclado com ele, numa ótica lúdica e sua observação foi a seguinte: “estou parecendo uma criança fazendo arte”. Os prejuízos cognitivos e motores estão mais aparentes, mas não impedindo que sua participação se mostre rica com comentários significativos como no dia em que afirma para mim que eu tenho o instrumento certo para uma cantada. E, ao lhe perguntar quem deveria cantar, responde: “tem que ser um ricoço, porque eu, oh...” (fazendo o gesto de negativo com o polegar).

Caso Clínico 3: **“O Lago dos Cisnes” (Tchaikovsky)**

Gisele era uma mulata de 73 anos, casada, sem filhos. Nascida na cidade do Rio de Janeiro, estudou até o segundo grau e trabalhou como secretária bilingüe em uma editora italiana. Em 1998, iniciou tratamento psiquiátrico devido a quadro de “esquecimentos e fantasia” em um hospital público. E, em fevereiro de 2000, foi encaminhada ao CDA com suspeita de quadro demencial. Os testes realizados obtiveram os seguintes resultados: MEEM (Folstein et al, 1975): 17/30 pontos; escala de Avaliação Funcional (Pfeffer, 1992): 30/30 pontos (mais grave = 30); escala de Atividades de Vida Diária (Lawton e Brody, 1969): 69/90 (mais grave = 90); estadiamento das demências (Berg, 1988): CDR1 (demência leve).

Quando veio para a entrevista musicoterápica, seu marido auxiliou-a nas informações quanto a sua história sonoro-musical. Durante a avaliação, apresentou certa dificuldade na reprodução de células rítmicas simples, porém foi capaz de reconhecer as melodias cantaroladas pela musicoterapeuta sem contudo conseguir iniciar sozinha o canto das mesmas. Apresentava discriminação para timbre, altura e intensidade preservadas. Sua preferência musical era por clássicos como o ballet “*O Lago dos Cisnes*” de Tchaikovsky, além de óperas e músicas italianas. Durante sua juventude foi freqüentadora do Teatro Municipal.

Desde o início de seu tratamento, identificou-me como sendo a sua professora de canto. Não se interessava em utilizar instrumento musical, mesmo que este fosse de fácil manejo. A pandeiriola – um pandeiro sem pele – foi o primeiro instrumento que utilizou e, em atendimento posterior, comenta “não, hoje eu não vou tocar... já toquei outro dia...”. Gostava muito de cantar e, quando o fazia, modificava a intensidade do canto mas conseguindo se manter dentro do ritmo. Segundo o marido, Gisele apreciava muito ouvir música em sua residência, acompanhando-a com um tamborilar de dedos. Esse gesto, ela também reproduzia nos atendimentos. Num certo dia, inicia espontaneamente o canto de “*Dio como te amo*” e “*La Bamba*”, esta última, pelo seu ritmo dançante, foi acompanhada pela paciente com movimentos corporais, dançando pela sala, sorridente, junto aos demais membros do grupo.

Em outro momento, cantarola a melodia de “*Velho Realejo*” e, quando ouviu o canto dessa música e de uma outra, “*Devolve*”, emocionou-se. As lágrimas descem pela face, mas tenta disfarçar e, no final da audição e de minha pergunta, responde “lembrei de meu irmão... do irmão das outras pessoas...” Era interessante a participação de Gisele que, em seu quadro inicial tecia comentários sobre suas observações quanto à minha atuação musical no grupo, como no dia em que disse: “a senhora já cantou melhor...”. Apesar das marchinhas de carnaval não serem seu forte, acompanhava o grupo no canto delas, chegando a identificar-se com umas das músicas cantadas “*O Teu Cabelo*”, ao dizer “esta sou eu”.

No grupo, Gisele chegou a formar pares com os outros integrantes. Com Aparecida, talvez tenha sido mais pela identificação, já que ambas iniciaram o tratamento no mesmo período. Contudo, pouco tempo depois, aproximou-se de Cecília, uma paciente mais comprometida, dispensando-lhe atenção de forma até mesmo excessiva, oferecendo diversos instrumentos ao mesmo tempo e pedindo para a paciente tocar. Certa vez, ao ser sinalizada por mim sobre sua maneira de atuar junto a Cecília, respondeu da seguinte forma: “A senhora, professora, me ensinou... agora eu estou ensinando ela...” parecendo querer mostrar a vontade de ajudar ao outro e sua gratidão à musicoterapeuta ou “à professora de canto” como costumava me chamar pelos bons momentos que vinha passando ali. Numa de minhas intervenções, reage dizendo que não entendeu para em seguida deixar o que estava fazendo, saindo de sala. Mas, seu agir mostrava toda a sua irritação quanto à minha sinalização.

Com as mulheres do grupo parecia não apresentar problemas, mas com um dos homens, apresentava baixa tolerância quanto à maneira dele se comportar. Gisele dirigia-se a ele chamando-o de patrão e de coordenador do grupo. Apesar de estabelecer vínculos afetuosos ou não com os integrantes do grupo, esses eram temporários e substituíveis, dependendo do que estava vivendo ou revivendo.

A paciente nunca teve filhos, mas ajudou a cuidar do filho do marido, bem como ajudou muita gente da família, abrindo mão de muitas coisas. No decorrer de sua doença, começou a apresentar dificuldades de ordem espacial e temporal e alterações de comportamento, sendo que, às vezes, era necessário que a outra musicoterapeuta saísse e permanecesse com ela fora da sala. Foi um período difícil mas, após algum tempo, não apresentava mais a resistência ou agitação anteriores. O marido sempre trazia informações da atuação de Gisele em sua casa,

como da vez em que ela chegou a fazer dueto com a cantora do cd que ouvia. Sempre foi um grande estimulador da musicoterapia, chegando a doar cds e aparelhagem de som para que o trabalho se realizasse da melhor forma possível, para sua mulher e para os outros pacientes.

Diante de sua desorientação, Gisele foi ficando com dificuldade para elegeer um instrumento musical, para si e para os outros, diante dos vários colocados na mesa. Entretanto, isso não impedia sua participação, pois recebia minha orientação na escolha dos instrumentos. Com o tempo, até mesmo o canto das músicas foi ficando prejudicado e, sua participação diminuindo, em termos de espontaneidade. Mesmo diante de seu quadro avançado, participava com o grupo e, às vezes, era possível observar uma resposta motora ou uma reação a um dado som. Ficou no grupo até março deste ano, vindo a falecer cinco meses depois.

Anexo

Letras de Músicas

As músicas aqui reunidas retratam parte do universo musical de um grupo de pacientes. São músicas que surgiram durante os atendimentos clínicos de forma espontânea na voz do próprio paciente ou não e que aparecem citadas no corpo do trabalho. Entretanto, é preciso ressaltar que a fonte de consulta nem sempre ofereceu todas as gamas de informação. Assim, algumas não fornecem o ano, o gênero musical ou a tonalidade. Mesmo assim, são apresentadas para que o leitor possa conhecer a riqueza desse universo.

AMANHÃ (Guilherme Arantes/ do maior/ gênero?/ 1977)

Amanhã/ Será um lindo dia da mais louca alegria/ Que se possa imaginar/
Amanhã/ Redobrada a força prá cima que não cessa/ Há de vingar/ Amanhã/ Mais
nenhum mistério acima do ilusório/ O astro rei vai brilhar/ Amanhã/ A
luminosidade alheia a qualquer vontade/ Há de imperar, há de imperar/ Amanhã/
Está toda esperança, por menor que pareça/ O que existe é prá festejar/ Amanhã/
Apesar de hoje ser a estrada que surge/ Pra se trilhar/ Amanhã/ Mesmo que uns
não queiram, será de outros que esperam/ Ver o dia raiar/ Amanhã/ Ódios
aplacados, temores abrandados/ Será pleno, será pleno.

ARREPENDIMENTO (Gastão Lamounier e Olegário Mariano/ tom?/ valsa?/
1937)

Meu amor,/ Porque pensas ainda em mim?/ Não choremos a vida passada/ Porque
todo o romance tem fim/ Teu olhar, quando o sinto cair no meu,/ O que sofro não
posso dizer-te, porque,/ Minha voz na garganta morreu./ Hoje em dia, que vivo
sozinho/ Recordando o calor que te dei,/ Ao invés de saudade ou carinho/ Tenho
horror de lembrar que te amei./ Se ainda falo na antiga promessa,/ Que tua boca,
tremendo, dizia,/ É que nunca supus que hoje em dia,/ Se esquecesse um amor tão

depressa./ Guarda bem na lembrança e no ouvido/ O que penso ao lembrar-me de ti./ Não recordo o teu beijo fanado, esquecido./ Nem lamento esse amor que perdi.

A VOCÊ (Ataulfo de Paiva e Aldo Cabral / tom? valsa/ 1937)

Em você/ Tudo é encantamento/ Em você/ tudo é deslumbramento!/ Você traduz/ sonhos de luz,/ anjo divino,/ qual uma dádiva do céu/ no meu destino./ Em você/ eu encontrei, querida,/ a realização/ do que sonhei na vida./ É você,/ na expressão da verdade,/ a minha apoteose / de felicidade./ Seu olhar me fascina,/ seu falar domina,/ seu sorriso/ é um sorriso de santa,/ seu andar macio nos encanta./ Nas linhas do seu corpo/ há um perfume de amor,/ embriagador./ Enfim, você prá mim/ é a encarnação/ desta canção!

BANDEIRA BRANCA (Max Nunes e Laercio Alves/ mi menor/ marcha/ ano?)

Bandeira branca, amor/ não posso mais/ pela saudade que me invade/ eu peço paz/ Saudade – mal de amor, de amor/ saudade – dor que dói demais/ vem meu amor/ bandeira branca/ eu peço paz.

BOA NOITE AMOR (José Maria Abreu e Francisco Mattoso/ mi maior/ valsa/ 1936)

Quando a noite descer/ insinuando um triste adeus/ olhando nos olhos teus/ hei de beijando teus dedos dizer:/ Boa noite amor/ meu grande amor/ contigo eu sonharei/ e a minha dor/ esquecerei/ se eu souber que o sonho teu/ foi o mesmo sonho meu.../ Boa noite amor, / e sonha, enfim,/ pensando sempre em mim./ na carícia de um beijo/ que ficou no desejo/ boa noite, meu grande amor!

CARINHOSO (Pixinguinha e João de Barro/ tom? samba-canção/ 1937)

Meu coração/ não sei porque/ bate feliz/ quando te vê/ E os meus olhos/ Ficam sorrindo/ E pelas ruas/ vão te seguindo/ Mas mesmo assim/ Foges de mim/ Ah! se tu soubesses/ Como eu sou tão carinhoso/ E o muito e muito/ Que eu te quero/ E como é sincero/ O meu amor/ Eu sei que nunca/ Fugirias mais de mim./ Vem, vem, vem, vem/ Vem sentir o calor/ Dos lábios meus/ À procura dos teus/ Vem matar esta paixão/ Que me devora o coração/ E só assim, então/ Serei feliz, bem feliz.

CASA DE CABOCLO (Hekel Tavares e Luiz Peixoto / la maior/ canção/ 1929)

Você tá vendo essa casinha simplesinha/ Toda branca de sapê/ Diz que ela veve no abandono não tem dono/ E se tem ninguém não vê/ Uma roseira cobre a banda da varanda/ E um pé de cambuça/ Quando o dia se alevanta Virge Santa/ Fica assim de sabiá/ Deixa falá toda essa gente maldizente/ Bem que tem um moradô/ Sabe quem mora dentro dela Zé Gazela/ O maió dos cantadô/ Quando Gazela viu siá Rita tão bonita/ Pôs a mão no coração/ Ela pegou não disse nada deu risada/ Pondo os oincho no chão./ E se casaram, mais um dia que agonia/ Quando em casa ele voltou/ Zé Gazela viu siá Rita muito aflita/ Tava lá Mané Sinhô/ Tem duas cruz entrelaçada bem na estrada/ Escrevero por ditrás/ “Numa casa de caboclo um é pouco/ Dois é bom, três é demais”.

CASINHA DA COLINA, A (Luiz Peixoto, Pedro Sá Pereira e Marques Porto/ mi menor/ canção/ 1936)

Você sabe de onde eu venho?/ De uma casinha que eu tenho... fica dentro de um pomar./ É uma casa pequenina,/ Lá no alto da colina, de onde se ouve longe o mar.../ Entre as palmeiras bizarras/ Cantam todas as cigarras, sob o pó de ouro do sol/ Do beiral vê-se o horizonte./ No jardim canta uma fonte, e na fonte um rouxinol./ Do jasmineiro tão branco/ tomba, de leve, no banco,/ A flor que ninguém colheu.../ No canteiro há uma rosinha,/ No curral uma ovelhinha e em

casa, meu cão e eu.../ Sobre a minha cabeceira/ Minha Santa Padroeira/ Está sempre em seu altar.../ Cuida de mim se adoço/ Vela por mim se adormeço/ E me acorda devagar.../ Quando eu desço pela estrada/ E olho a casa abandonada, sinto ao vê-la não sei que.../ Como é triste a natureza/ Anda em tudo uma tristeza,/ Com saudades de você.../ Se você é minha amiguinha/ Venha ver minha casinha,/ Minha santa e meu pomar/ Que o meu cavalo é ligeiro/ É uma légua só de outeiro.../ Chega é tempo de voltar.../ Mas se acaso anoitecer.../ Tudo pode acontecer/ que será de mim depois?/ A casinha pequenina lá no alto da colina,/ Chega bem para nós dois...

CASINHA PEQUENINA (Tradicional/ lá menor/ canção/ 1906)

Tu não te lembras da casinha pequenina/ onde o nosso amor nasceu/ tu não te lembras da casinha pequenina/ onde o nosso amor nasceu/ Tinha um coqueiro do lado/ que coitado de saudade/ já morreu/ Tinha um coqueiro do lado/ que coitado de saudade/ já morreu/ Tu não te lembras da juras e perjuras/ que fizeste com fervor?/ Daquele beijo demorado, prolongado/ que selou o nosso amor?

CONSTRUÇÃO (Chico Buarque/ mi menor/ gênero? 1971)

Amou daquela vez como se fosse a última/ beijou daquela vez como se fosse a última/ cada filho seu como se fosse o único/ e atravessou a rua com seu passo tímido/ subiu a construção como se fosse máquina/ ergueu no patamar quatro paredes sólidas/ tijolo com tijolo num desenho mágico/ seus olhos embotados de cimento e lágrima/ sentou pra descansar como se fosse sábado/ comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe/ bebeu e soluçou como se fosse um náufrago/ dançou e gargalhou como se ouvisse música/ e tropeçou no céu como se fosse um bêbado/ e flutuou no ar como se fosse um pássaro/ e se acabou no chão feito um pacote flácido/ agonizou no meio do passeio público/ morreu na contramão atrapalhando o tráfego/ Amou daquela vez como se fosse o último/ beijou sua mulher como se fosse a única/ cada filho seu como se fosse o pródigo/ e atravessou a rua com seu passo bêbado/ subiu a construção como se fosse sólido/

ergueu no patamar quatro paredes mágicas/ tijolo com tijolo num desenho lógico/
seus olhos embotados de cimento e tráfego/ sentou pra descansar como se fosse
príncipe/ comeu feijão com arroz como se fosse o máximo/ bebeu e soluçou como
se fosse máquina/ dançou e gargalhou como se fosse o próximo/ E tropeçou no
céu como se ouvisse música/ e flutuou no ar como se fosse sábado/ e se acabou
no chão feito um pacote tímido/ agonizou no meio do passeio naufrago/ Morreu
na contramão atrapalhando o público/ Amou daquela vez como se fosse máquina/
beijou sua mulher como se fosse lógico/ ergueu no patamar quatro paredes
flácidas/ sentou pra descansar como se fosse um pássaro/ e flutuou no ar como se
fosse um príncipe/ e se acabou no chão feito um pacote bêbado/ morreu na
contramão atrapalhando o sábado.

DEVOLVE (Mario Lago/ tom?/ valsa/ ano?)

Mandaste as velhas cartas comovidas/ que na febre do amor lhe enviei/ Mandaste
o que ficou de duas vidas/ um romance/ uma dor que eu provei/ Mandaste tudo/
porém falta o melhor/ que eu te dei/ Devolve toda a tranqüilidade/ toda a
felicidade/ que eu te dei/ e que perdi/ Devolve todos os sonhos loucos/ que eu
construi aos poucos/ e lhe ofereci/ Devolve/ eu peço por favor/ aquele imenso
amor/ que nos teus braços esqueci/ Devolve que eu te devolvo ainda/ esta saudade
infinda/ que eu tenho de ti.

DIO, COME TI AMO (Modugno/ tom? gênero? 1966?)

Nel cielo passano le nuvole/ Che vanno verso il mare/ Sembrano fazzoletti
bianchi/ Che salutano il nostro amore/ Dio...come ti amo/ Non è possibile/ Avere
tra le braccia/ Tanta felicità/ Baciare le tue labbra/ Che odorano divento/ Noi due
innamorati/ Come nessuno al mondo/ Dio...come ti amo/ Mi vien da piangere/ in
lutta la mia vita/ non ho provato mal/ Un bene cosi caro/ Un bene cosi vero/ Chi
può fermare il fiume/ Che corre verso il mare/ Le rondini nel cielo/ Che vanno
verso il sole/ Che più cambiar l'amore/ L'amore mio per te.../Dio...come ti amo.

E O DESTINO DESFOLHOU (Mário Rossi e Gastão Lamounier/ lá menor/
valsa/ 1937)

O nosso amor traduzia/ Felicidade... afeição/ Suprema glória que, um dia,/ Tive ao
alcance da mão;/ Mas veio um dia o ciúme,/ E o nosso amor se acabou,/
Deixando em tudo o perfume/ Da saudade que ficou/ Eu ti vi a chorar/ Vi teu
pranto, em segredo, correr,/ E, parti, a cantar/ Sem pensar que doía esquecer.../
Mas depois, veio a dor/ Sofro tanto e esta valsa não diz/ Meu amor, de nós dois/
Eu não sei qual é mais infeliz./ Os nossos olhos choraram.../ O nosso idílio
morreu/ Os nossos lábios murcharam/ Porque a renúncia doeu,/ Desfeito o ninho,
a saudade / Humilde e quieta ficou,/ Mostrando a felicidade,/ Que o destino
desfolhou

ERREI SIM (Ataulfo Alves/ tom?/ samba-canção/ 1942)

Errei sim,/ Manchei o teu nome./ Mas foste tu mesmo/ O culpado/ Deixavas-me
em casa/ Me trocando pela orgia/ Faltando sempre/ Com a sua companhia./
Lembra-te, agora, que não é/ Só de casa e comida/ Que prende por toda vida/ O
coração de uma mulher/ As jóias que me dava/ Não tinham nenhum valor;/ O
mais caro me negavas/ Que era todo o teu amor./ Mas, se existe ainda/ Quem
queira me condenar/ Que venha logo/ A primeira pedra/ Me atirar

ESTÁ CHEGANDO A HORA (Henricão e Rubens Campos/ tom?
marcha/carnaval/ 1942)

Quem parte leva saudades/ De alguém que fica/ Chorando de dor,/ Por isso, não
quero lembrar/ Quando partiu meu grande amor./ Ai, ai, ai, ai/ Está chegando a
hora!/ O dia já vem raiando,/ Meu bem,/ Eu tenho que ir-me embora/

JESUS CRISTO (Roberto Carlos e Erasmo Carlos/ mi menor/ rock-hino/ 1970)

Jesus Cristo/ Jesus Cristo/ Jesus Cristo/ Eu estou aqui/ Olho pro céu e vejo/ Uma nuvem branca que vai passando/ Olho pra terra e vejo/ Uma multidão que vai caminhando/ Como essa nuvem branca/ Essa gente não sabe aonde vai/ Quem poderá dizer o caminho certo/ É você meu pai/ (Estribilho – Jesus Cristo...eu estou aqui)/ Toda essa multidão tem no peito amor/ E procura a paz/ E, apesar de tudo, a esperança/ Não se desfaz/ Olhando a flor que nasce/ No chão daquele que tem amor/ Olho pro céu e sinto/ Crescer a fé no meu salvador/ (Estribilho – Jesus Cristo... eu estou aqui)/ Em cada esquina, eu vejo/ Um olhar perdido de um irmão/ Em busca do mesmo bem/ Nessa direção, caminhando vem/ É meu desejo ver/ Aumentando sempre essa procissão/ Para que todos cantem/ Na mesma voz, esta oração/ (Estribilho)

LÁBIOS QUE BEIJEI (J. Cascata e Leonel Azevedo / mi maior/ valsa/ 1937)

Lábios que beijei,/ Mãos que eu afaguei/ Numa noite de luar, assim.../ O mar na solidão bramia e o vento,/ A soluçar pedia/ Que fosses sincera para mim.../ Nada tu ouviste/ E, logo, partiste, / Para os braços de outro amor;/ Eu fiquei chorando,/ Minha mágoa cantando, / Sou estátua perenal da dor./ Passo os dias, soluçando, com meu pinho,/ Carpindo a minha dor, sozinho/ Sem esperança de vê-la, jamais.../ Deus, tem compaixão deste infeliz,/ Porque sofrer assim / Compadecei-vos dos meus ais/ Tua imagem permanece, imaculada/ Em minha retina cansada,/ De chorar por teu amor;/ Lábios que beijei, / Mãos que eu afaguei/ Volta, dá lenitivo a minha dor.

LA BAMBA (Ritchie Vallens/ tom? rock da década de 1950-60)

Para bailar la bamba/ Para bailar la bamba se necessita una poca de gracia/ Una poca de gracia y outra cosita/ Y arriba y arriba/ Y arriba y arriba y arriba ire/ Yo no soy marinero/ Yo no soy marinero, por ti sere/ Por ti sere, por ti sere/ Bamba, bamba, bamba, bamba/ Bamba, bamba/ Bamba./ Para bailar la bamba/ Para bailar

la bamba se necessita una poca de gracia/ Una poca de gracia pa mi pa ti/ Ay y arriba, y arriba/ Y arriba y arriba y arriba ire/ Yo no soy marinero/ Yo no soy marinero, soy capitan/ Soy capitan Soy capitan/ Bamba, bamba, bamba, bamba/ Bamba, bamba/ Bamba./

LEVA MEU SAMBA (Araulfo Alves/ tom? gênero? 1941)

Leva meu samba/ Meu mensageiro/ Este recado/ Para o meu amor primeiro/ Vai dizer que ela é/ A razão dos meus ais!/ Não, não posso mais!/ Eu que pensava/ Que podia lhe esquecer.../ Mas qual o quê/ Aumentou o meu sofrer/ Falou mais alto/ No meu peito, uma saudade/ E para o caso não há força de vontade/ Aquele samba/ Foi para ver se comovia/ O seu coração.../ Onde eu dizia:/ “Vim buscar o meu perdão!”

MAMÃE EU QUERO (Vicente Paiva e Jararaca/ tom? / marcha/carnaval/ 1937)

Mamãe eu quero.../ Mamãe eu quero.../ Mamãe eu quero mamar/ Dá a chupeta/ Dá a chupeta/ Dá a chupeta pro bebê não chorar./ Dorme filhinho/ Do meu coração/ Pega a mamadeira/ E vem entrar pro meu cordão/ Eu tenho uma irmã/ Que se chama Ana/ E de tanto piscar o olho/ Já ficou sem a pestana./ Mamãe eu quero.../ Olho as pequenas/ Mas daquele jeito/ Tenho muita pena/ Não ser criança de peito/ Eu tenho uma irmã/ Que é fenomenal!/ Ela é da bossa é o marido é um boçal.

(A primeira parte da letra juntamente com o refrão é mais conhecida e portanto mais cantada)

MEU MUNDO E NADA MAIS (Guilherme Arantes/ mi maior / gênero? / 1976)

Quando eu fui ferido, vi tudo mudar/ Das verdades que eu sabia/ Só sobraram restos e eu não esqueci/ Toda aquela paz que eu tinha/ Eu que tinha tudo, hoje estou mudo/ Estou mudado,/ À meia-noite, a meia luz pensando / Daria tudo por

um modo de esquecer/ Eu queria tanto estar no escuro do meu quarto/ À meia-noite, a meia luz sonhando/ Daria tudo por meu mundo e nada mais/ Não estou bem certo / Se ainda vou sorrir / Sem um travo de amargura/ Como ser mais livre/ Como ser capaz / De enxergar um novo dia/ Eu que tinha tudo, hoje estou mudo/ Estou mudado,/ À meia-noite, a meia luz pensando / Daria tudo por um modo de esquecer/ Eu queria tanto estar no escuro do meu quarto/ À meia-noite, a meia luz sonhando/ Daria tudo por meu mundo e nada mais.

MORA NA FILOSOFIA (Arnaldo Passos e Monsueto/ tom? samba/carnaval/, 1955)

Eu vou lhe dar a decisão/ Botei na balança você não pesou/ Botei na peneira você não passou/ Mora na filosofia/ Pra que rimar amor e dor/ Se seu corpo ficasse marcado/ Por lábios ou mãos carinhosas/ Eu saberia dizer ora vai mulher/ A quantos você pertencia/ Não vou me preocupar em ver/ Seu caso não é de ver pra crer

NOITE CHEIA DE ESTRELAS (Candido das Neves / mi maior/ tango-canção/ 1932)

Noite alta, céu risonho/ A quietude é quase um sonho.../ O luar cai sobre a mata,/ Qual uma chuva de prata/ De raríssimo esplendor./ Só tu dormes não escutas, o teu cantor,/ Revelando à lua airosa/ A história dolorosa/ Deste amor.../ Lua, manda a tua luz prateada/ despertar a minha amada!/ Quero matar meus desejos,/ Sufocá-las com os meus beijos.../ Canto/ E a mulher que eu amo tanto/ Não escuta, está dormindo./ Canto e por fim,/ Nem a lua tem pena de mim/ Pois ao ver que quem te chama sou eu/ Entre a neblina se escondeu.../ Lá no alto, a lua esquiva/ Está no céu tão pensativa.../ As estrelas tão serenas/ Qual dilúvio de falenas/ Andam tontas ao luar.../ Todo o astral ficou silente/ Para escutar/ O teu nome entre as endechas/ As dolorosas queixas / ao luar!

ORAÇÃO DE SÃO FRANCISCO (São Francisco de Assis)

Senhor,/ Fazei de mim instrumento de vossa paz! Onde houver ódio, que eu leve o amor,/ Onde houver ofensa, que eu leve o perdão/ Onde houver discórdia, que eu leve a união,/ Onde houver dúvida, que eu leve a fé./ Onde houver erro, que eu leve a verdade/ Onde houver desespero, que eu leve a esperança,/ Onde houver tristeza, que eu leve a alegria,/ Onde houver trevas que eu leve a luz./ Ó Mestre, fazei que eu procure mais/ Consolar que ser consolado/ Compreender que ser compreendido/ Amar que ser amada/ Pois é dando que se recebe/ Perdoando que se é perdoado/ E é morrendo que se vive para a vida eterna.

PAIS E FILHOS (Dado Villa-Lobos, Renato Russo e Marcelo Bonfá/ sol maior/ gênero?/ 1989)

Estátuas e cofres/ E paredes pintadas/ Ninguém sabe o que aconteceu/ Ela se jogou da janela do quinto andar/ Nada é fácil de entender/ Dorme agora/ É só o vento lá fora/ Quero colo/ Vou fugir de casa/ Posso dormir aqui com vocês?/ Estou com medo/ Tive um pesadelo/ Só vou voltar depois das três/ Meu filho vai ter nome santo/ Quero o nome mais bonito/ É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã/ Porque se você parar pra pensar/ Na verdade não há/ Me diz: porque o céu é azul?/ Me explica a grande fúria do mundo/ São meus filhos que tomam conta de mim/ Eu moro com a minha mãe o meu pai vem me visitar/ Eu moro na rua não tenho ninguém/ Eu moro em qualquer lugar/ Já morei em tanta casa quem nem me lembro mais/ Eu moro com meus pais/ É preciso amar as pessoas como se não houvesse o amanhã/ Porque se você para pra pensar/ Na verdade não há/ Sou uma gota d'água, sou um grão de areia/ Você diz que seus pais não entendem/ Mas você não entende seus pais/ Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo/ São crianças como você/ O que você vai ser quando você crescer?

PLANETA ÁGUA (Guilherme Arantes/ re maior/ gênero?/ 1981)

Água que nasce na fonte serena do mundo/ E que abre o profundo grotão/ Água que faz inocente riacho e deságua / Na corrente do ribeirão/ Águas escuras dos rios/ que levam a fertilidade ao sertão/ Águas que banham aldeias / E matam a sede da população/ Águas que caem das pedras,/ No véu das cascatas, ronco de trovão/ E depois dormem tranqüilas/ No leito dos lagos/ Água dos igarapés onde lara, mãe d'água/ É misteriosa canção/ Água que o sol evapora,/ pro céu vai embora / virar nuvens de algodão/ Gotas de água da chuva, / Alegre arco-íris sobre a plantação/ Gotas de água da chuva,/ Tão tristes são lágrimas na inundação/ Águas que movem moinhos/ São as mesmas águas/ Que encharcam o chão/ E sempre voltam humildes/ Pro fundo da terra, pro fundo da terra/ Terra planeta água... terra planeta água/ Terra planeta água.

RODA VIVA (Chico Buarque/ si menor/ gênero? 1967)

Tem dias que a gente se sente/ como quem partiu ou morreu/ a gente estancou de repente/ ou foi o mundo então que cresceu/ a gente quer ter voz ativa/ no nosso destino mandar/ mas eis que chega a roda viva/ e carrega o destino pra lá/ Roda mundo, roda gigante/ roda moinho, roda pião/ o tempo rodou num instante/ nas voltas do meu coração/ A gente vai contra a corrente/ até não poder resistir/ na volta do barco é que sente/ o quanto deixou de cumprir/ faz tempo que a gente cultiva/ a mais linda roseira que há/ mas eis que chega a roda viva/ e carrega a roseira pra lá/ Roda mundo, roda gigante/ roda moinho, roda pião/ o tempo rodou num instante/ nas voltas do meu coração/ A roda da saia a mulata/ não quer mais rodar não senhor/ não posso fazer serenata/ a roda de samba acabou/ a gente toma a iniciativa/ viola na rua a cantar/ mas eis que chega a roda viva/ e carrega a viola pra lá/ Roda mundo, roda gigante/ roda moinho, roda pião/ o tempo rodou num instante/ nas voltas do meu coração/ O samba, a viola, a roseira/ um dia a fogueira queimou/ foi tudo ilusão passageira/ que a brisa primeira levou/ no peito a saudade cativa/ faz força pro tempo parar/ mas eis que chega a roda viva/ e carrega a saudade pra lá/ Roda mundo.....

SUAVE POEMA DE AMOR - (Gastão Lamournier e Mario Rossi/ tom?/
gênero?/ data?)

O nosso lar será lindo/ Nele terás meu amor/ Lírios de vaso floridos/ Entre
roseiras em flor/ Papoulas rubras de beijo/ Um banco, um lago, um jardim/ E na
ventura de um beijo/ Nós cantaremos assim/ És a luz do meu olhar/ Vive em mim
um riso seu/ Ritmo ao luar/ Do céu de um sonho que viveu/ Sentirás uma canção/
Sempre em seu louvor/ A minha adoração/ Suave poema de amor.

TAÍ (Prá você gostar de mim) (Joubert de Carvalho/ lá menor/ marcha/ carnaval/
1930)

Taí!/ Eu fiz tudo/ Pra você gostar de mim.../ Oh! Meu bem/ Não faz assim comigo
não!/ Você tem, você tem/ Que me dar seu coração/ **Meu amor não posso
esquecer.../ Se da alegria, faz também sofrer/ A minha vida foi sempre
assim:/ Só chorando as mágoas... que não tem fim/** Essa história de gostar de
alguém/ Já é mania que as pessoas têm/ Se me ajudasse nosso Senhor/ Eu não
pensaria mais no amor (o trecho em negrito, geralmente, não é cantado)

TEU CABELO NÃO NEGA, O (adaptação de Lamartine Babo sobre motivo de
marcha “Mulata” dos irmãos Valença/ tom? marcha/ carnaval/ 1932)

(refrão) O teu cabelo não nega/ Mulata/ Porque és mulata na cor.../ Mas como a
cor não pega/ Mulata/ Mulata eu quero o teu amor!.../ (bis)/ Tens um sabor/ Bem
do Brasil.../ Tens a alma cor de anil/ Mulata, mulatinha meu amor,/ Fui nomeado
o teu tenente interventor/ (refrão) / Quem te inventou/ Meu pancadão/ Teve uma
consagração.../ A lua te invejando fez careta/ Porque, mulata, tu não és deste
planeta!/ (refrão) / Quando meu bem/ Vieste à terra/ Portugal declarou guerra!/ A
concorrência, então, foi colossal!/ Vasco da Gama contra o Batalhão Naval!

TREM ATRASOU, O (Artur Vilarinho, Estanislau Silva e Paquito/ tom? marcha/carnaval, 1941)

Patrão o trem atrasou/ Por isso estou chegando agora/ Trago aqui o memorando da Central/ O trem atrasou meia hora/ O senhor não tem razão/ Pra me mandar embora./ O senhor tem paciência/ É preciso compreender/ Sempre fui obediente/ cumpridor do meu dever/ Um atraso é muito justo/ Quando há explicação/ Sou um chefe de família/ Preciso ganhar meu pão/ (Não me diga não...)

TREM DAS ONZE (Adoniran Barbosa/ lá menor/ samba/ 1965)

Não posso ficar nem mais um minuto com você/ Sinto muito amor, mas não pode ser/ Moro em Jaçanã./ Se eu perder esse trem/ Que sai agora às onze horas/ Só amanhã de manhã./ Além disso mulher/ Tem outra coisa/ Minha mãe não dorme/ Enquanto eu não chegar./ Sou filho único/ Tenho minha casa para olhar/ E eu não posso ficar.

ÚLTIMA INSPIRAÇÃO (Peterpan/ lá menor/ valsa/ 1940)

Eu sempre fui feliz/ Vivendo só sem ter amor/ Mas o destino quis/ Roubar-me a paz / De um sonhador/ E pôs num sonho meu/ O olhar de ternura/ De alguém que mesmo em sonho/ Roubou minha ventura/ Sonhei com esse alguém/ Noites e noites sem cessar/ Porque alucinada/ Fui pelo mundo a procurar/ Aquele olhar tristonho/ Da cor do luar/ Mas tudo foi um sonho/ Pois não pude encontrar/ Mas na espinhosa estrada desta vida/ Sem querer um dia/ Encontrei com este alguém/ Que tanto eu queria/ Esse alguém que mesmo em sonho/ Eu amei com tanto ardor/ Não compreendeu a minha dor/ Foi inspirado então/ Na ingratidão de quem amava tanto/ Que fiz esta triste valsa/ Triste como um pranto/ Que me mata de aflição/ Bem sei que esta valsa será/ A minha última inspiração

ÚLTIMO DESEJO (Noel Rosa/ mi menor/ samba canção/ 1938)

Nosso amor que eu não esqueço/ E que teve seu começo/ Numa festa de São João/
 Morre hoje sem foguete/ Sem retrato e sem bilhete/ Sem luar e sem violão/ Perto
 de você me calo/ Tudo penso e nada falo/ Tenho medo de chorar/ Nunca mais
 quero o seu beijo/ Mas meu último desejo/ Você não pode negar/ Se alguma
 pessoa amiga/ Pedir que você lhe diga/ Se você me quer ou não/ Diga que você
 me adora/ Que você lamenta e chora/ A nossa separação/ As pessoas que eu
 detesto/ Diga sempre que eu não presto/ Que meu lar é um botequim/ Que eu
 arruinei sua vida/ Que eu não mereço a comida/ Que você pagou prá mim.

UMA CASA PORTUGUESA (Reinaldo Ferreira, V.M.Sequeira e Artur Fonseca/
 tom? fado/ ano?)

Numa casa portuguesa fica bem/ Pão e vinho sobre a mesa./ Quando à porta
 humildemente bate alguém,/ Senta-se à mesa co'a gente/ Fica bem essa fraqueza,
 fica bem,/ Que o povo nunca a desmente./ A alegria da pobreza/ Está nesta grande
 riqueza/ De dar, e ficar contente./ Quatro paredes caiadas, / Um cheirinho à
 alecrim/ Um cacho de uva doiradas,/ Duas rosas num jardim,/ Um são José de
 azulejo/ Sob um sol de primavera,/ Uma promessa de beijos/ Dois braços à minha
 espera.../ É uma casa portuguesa, com certeza/ É, com certeza, uma casa
 portuguesa!/ No conforto pobrezinho do meu lar, / Há fartura de carinho/ A
 cortina da janela e o luar,/ Mais o sol que gosta dela.../ Basta pouco, pouquinho
 p'ra alegrar/ Uma existência singela.../ É só amor, pão e vinho/ E um caldo verde,
 verdinho/ A fumegar na tigela.

VELHO REALEJO (Custódio Mesquita e Sadi Cabral/ mi menor/ valsa/ 1940)

Naquele bairro afastado/ onde em criança vivias/ a remoer melodias/ de uma
 ternura sem par/ passava todas as tardes/ um realejo risonho.../ passava como num
 sonho/ o realejo a cantar.../ depois tu partiste/ ficou triste/ a rua deserta,/ na tarde

fria e calma/ ouço ainda o realejo a tocar/ ficou a saudade/ comigo a morar.../ tu
canta alegre e o realejo/ parece que chora/ com pena de ti.